

# ***Ethos* discursivo e argumentatividade em uma crônica de Carmen Dolores, a “argumentadora máscula” esquecida pelo cânone**

***Discursive ethos and argumentativeness in a chronicle of Carmen Dolores, the “manly arguer” forgotten by the canon***

Luíza Álvares DIAS\*

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Rubens DAMASCENO-MORAIS\*\*

Universidade Federal de Goiás (UFG)

**RESUMO:** Em sua fortuna crítica, a escritora brasileira Carmen Dolores foi adjetivada como “argumentadora máscula”, denominação que foi investigada no presente artigo, cujo objetivo principal foi investigar o que é e como se constitui a “argumentação máscula” em uma das crônicas da autora. As reflexões sobre o *ethos* discursivo de Dominique Maingueneau (2001, 2009), além do diálogo com autores como Ruth Amossy (2020) e seu conceito de “visada argumentativa”, ajudou-nos a entender a imagem dita e mostrada por Carmen Dolores em sua crônica. Nesta pesquisa, de base qualitativa, selecionamos uma crônica do levantamento de Maria Risolete Hellman (2015) para, a partir dela, depreender o *ethos* discursivo da autora. A presente pesquisa levou-nos a compreender que a “masculinidade” que atribuíam ao estilo de escrita da referida autora nada mais era do que uma forma de resistir àquela sociedade patriarcal, além de uma forma de descredibilizá-la.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carmen Dolores. *Ethos*. Retórica. Crônica. Visada argumentativa.

**ABSTRACT:** In her critical fortune, the Brazilian writer Carmen Dolores was called a “manly arguer”, a term that was investigated in this article, whose main objective was to investigate what “manly argumentation” is and how it is constituted in one of the author’s chronicles. Reflections on the discursive *ethos* of Dominique Maingueneau (2001, 2009), in addition to dialogue with authors such as Ruth Amossy (2020) and her concept “argumentative aim”, helped us understanding the image said and shown by Carmen Dolores in her chronicle. In this qualitative-based research, we selected a chronicle of the survey by Maria Risolete Hellman (2015) to understand the author’s discursive *ethos*. This research led us to understand and that the

---

\* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Universidade Federal de Goiás (PPGLL-UFG). Pesquisadora na área de Estudos Linguísticos, linha de pesquisa Língua, texto e discurso. Goiânia, Goiás. E-mail: [luiza.dias@discente.ufg.br](mailto:luiza.dias@discente.ufg.br)

\*\* Professor doutor na Universidade Federal de Goiás (UFG). Coordenador do grupo de estudos Teorias da Argumentação e Retórica/TEAR (CNPq). Goiânia, Goiás. E-mail: [damasceno.morais@ufg.br](mailto:damasceno.morais@ufg.br)

“masculinity” that they attributed to the aforementioned author’s writing style was nothing more than a way of resisting that patriarchal society, as well as a way of discrediting her.

**KEYWORDS:** Carmen Dolores. *Ethos*. Rhetoric. Literary Chronicle. Argumentative aim.

## Introdução

Em 1933, o crítico literário Agripino Grieco, na obra *Evolução da prosa brasileira*, denominou a escritora Emília Moncorvo Bandeira de Mello, cujo pseudônimo mais famoso foi Carmen Dolores, como “argumentadora máscula”. Carmen Dolores foi romancista, contista e cronista entre o final do século XIX e início do século XX, sendo que sua produção mais expressiva consistiu em crônicas publicadas em jornais de ampla circulação naquela época, tais como *O Paiz e Correio da Manhã*, ambos veiculados na então capital da República Rio de Janeiro.

Além do fato de a escritora ser mais um exemplo de autora da história literária brasileira esquecida pelo cânone, assim como Júlia Lopes de Almeida e Maria Firmina dos Reis, apenas para citar alguns outros nomes, inquietou-nos a denominação “argumentadora máscula” de Grieco (1933), o que foi o ponto de partida para a presente pesquisa. Não apenas Grieco, mas outros críticos contemporâneos a Carmen Dolores também utilizaram vocábulos ligados geralmente a aspectos masculinos, como “agressividade”, “razão” e “firmeza”, para caracterizá-la.

Por exemplo, Lima Barreto escreveu em uma de suas crônicas: “Nas suas crônicas de comentário de semana eram frequentes as arestas cujos *arranhões pungiam*, arrancando réplicas cuja *ferinidade*, às vezes, *perdeu a linha de compostura* que devem ter polemistas, *mesmo em contendas de homem para homem*, com descaídas para a *grosseria*” (Dolores, 1908 apud Soihet, 2009, p. 34, destaques nossos). Já em 1908, no *Correio da Manhã*, o cronista Theotonio Filho define as “mulheres-homem”, tomando Carmen Dolores como um dos exemplos entre mulheres notáveis à época:

Uma mulher deve ser professora? Não. Entregue diariamente a mortificar a paciência com meninos irritantes e malcriados acabará por perder a beleza, tornar-se magra, envelhecer. Nós não a queremos assim. Uma mulher feia é uma flor murcha. Pomo-la de lado para não desfolhar.

Da mesma maneira que não deve ser professora, não deve ser cigareira, nem caixeira, nem nada.

A instrução? Tê-la-á, mas não muito adiantada. É muito bonito uma mulher literata, mas quando não se deixa levar pelos sentimentalismos líricos de seu sexo. Por isso adoramos George Santhies, de Stael, de Stern, Carmen Sylvia e

Carmen Dolores. Estas são mulheres-homens.” (Filho, 1908, p. 4, grifo do autor)

Marcante, também, é o fato de se misturarem características comumente atribuídas ao masculino, como as citadas acima, e características socialmente relacionadas ao feminino, como a delicadeza e a emoção, o que pode ser vislumbrado a partir do comentário do romancista Coelho Neto: “O nome de Carmen Dolores apareceu um dia, n’O Paiz, firmando uma crônica magistral. Era uma *página forte, de soberbo estilo, tensa e vibrante*, na qual os conceitos vinham aboindo sobre as *ondas sonoras* dos períodos, como *floridos camalotes* descendo ao *som das águas de uma ribeira límpida*” (Dolores, 2021, p. 36-37, destaques nossos). Tal comentário, recheado de metáforas, caracteriza uma escrita, ao mesmo tempo, forte e delicada.

Ainda, além dos comentários concernentes à obra de Dolores, a observação do cronista Paulo Barreto (pseudônimo Joe, mais conhecido como João do Rio) diz respeito à imagem física da escritora em contraste com seus escritos: “E ao ler o livro não pude deixar de pensar que quem o escreveu assim másculo, é uma senhora tímida, de palestra delicada” (Joe, 1908, p. 2).

Conseqüentemente, a pesquisa em arquivos antigos sobre comentários críticos à escritora nos levou a seus textos, especialmente suas crônicas, pois, pensando na atribuição de “argumentadora máscula”, feita por Grieco (1933), tornamos equivalente, também, a ideia de “argumentação máscula”. Ademais, certamente encontraríamos traços argumentativos naquele gênero textual, ao menos essa era nossa expectativa. Isso porque a crônica é um gênero discursivo que dá vazão à opinião pessoal, assim como às críticas a respeito de um determinado fato circunstancial que ocorreu com o próprio escritor ou com terceiros por meio da utilização de uma linguagem mais simples, cotidiana, mas que pode ser poética a depender do escritor (Arriguci Júnior, 1987). Desse modo, é um gênero discursivo que pode ser argumentativo, o que corrobora o comentário de Grieco (1933) e também nossa empreitada na análise das crônicas de Dolores.

Logo, inquietos com a denominação atribuída por Grieco, a pergunta norteadora da pesquisa e objeto deste artigo é: *o que significa uma “argumentação máscula”?* Mais do que isso: *como essa argumentação se constitui nas crônicas de Carmen Dolores, se comprovada?*

Para isso, selecionamos uma crônica do levantamento e transcrição feitos por Risolette Maria Hellmann (2015) nos quais se evidencia um tema caro à Carmen Dolores: o ingresso da mulher no mercado de trabalho. Nela, investigamos o *ethos*, ou, grosso modo, a imagem pessoal expressa pela escritora em seu texto para responder à pergunta desta pesquisa. De acordo com o objetivo proposto, serviu-nos como apoio teórico o suporte epistemológico de base enunciativa de Dominique Maingueneau (2001, 2009, 2010, 2018, 2020), em que os conceitos de *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo, assim como de *imagem do autor*, ajudaram-nos a explicar como a crônica investigada poderia constituir uma “argumentadora máscula”.

Nosso *corpus* e objetivo, além disso, exigiram buscarmos uma noção de argumentação para compreender por que a autora, além de “máscula”, é “argumentadora”. Para isso, selecionamos a noção de *visada argumentativa*, que compreende “os meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir sobre seus alocutários, tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece” (Amossy, 2020, p. 47). Buscamos proximidade com esse conceito de Amossy pois o desenvolvimento argumentativo da crônica da escritora, como veremos, possui a finalidade de modificar uma representação social a respeito da figura da mulher e, na crônica, isso é feito a partir da imagem expressa por Carmen Dolores em seu texto, que se distancia dos estereótipos veiculados a respeito da mulher naquele tempo.

Justifica-se, portanto, a relevância desta pesquisa como uma janela para os estudos de uma notável, mas esquecida escritora brasileira. Com isso, pretendemos resgatar do limbo da história, a partir de preceitos do *ethos* discursivo e da argumentação, uma pequena parcela da obra de Carmen Dolores, daqui em diante C. D., o que pode ajudar a trazer uma nova perspectiva de estudo para esta e outras mulheres que escreviam textos com força autoral principalmente entre os séculos XIX e XX, as quais, apesar de terem produzido literatura em tempos idos, ainda têm muito a contribuir com nossas discussões de hoje.

## **1 Fundamentação teórica**

### ***1.1 Ethos: da retórica clássica à Análise do Discurso***

Na retórica clássica, o *ethos* é definido como o caráter moral produzido pelo orador por meio de seu discurso. Aristóteles aborda o conceito em dois momentos em *Retórica*. Em um primeiro momento, dedica-se a pensar a imagem que o orador pretende construir diante de seu público; posteriormente, avalia o *ethos* construído do auditório pelo orador, a fim de orientar, de forma adequada, a sua fala, tendo em vista o intento de persuadir o público (Plantin, 2018). Juntamente ao *pathos* e ao *logos*, o *ethos* faz parte das provas retóricas que compõem o discurso persuasivo. E, ainda segundo Aristóteles, não basta que o orador expresse moralidade por meio do discurso para ser considerado confiável por seu público, é necessário que alinhe virtude e intelecto, pois “são exigidas do orador tanto as competências (a *phronesis*) quanto a capacidade de ativar certas qualidades no discurso em função das necessidades do momento” (Amossy, 2020, p. 81). Além disso, o conceito que se tem do orador previamente à fala não deve interferir na construção do *ethos*, porque o importante é o momento do discurso.

No século XX, retomando o conceito da retórica clássica, Dominique Maingueneau (2001, 2009, 2010, 2018, 2020), a partir da influência, em diversos graus, de autores como Oswald Ducrot, Michel Foucault, Émile Benveniste e Pierre Bourdieu, contribuiu (e continua a contribuir) para a construção de uma análise do discurso de linha francesa (ADF) de base enunciativa. O pesquisador propõe uma concepção discursiva do *ethos* retórico (de Aristóteles) capaz de analisar o *ethos* não apenas em textos orais, como costuma ser feito na retórica clássica, mas também em textos escritos, considerando que todos os textos (orais ou escritos) possuem um “tom”, isto é, uma vocalidade específica que distingue características do enunciador (Maingueneau, 2009). O “tom”, portanto, expressa o *ethos* discursivo.

Ademais, em sua teoria, também há as noções de *ethos* pré-discursivo e *ethos* dito. Este (*ethos* dito) é o *ethos* evocado direta ou indiretamente pelo locutor da enunciação; já aquele (*ethos* pré-discursivo) é a ideia pré-concebida que o destinatário da enunciação pode ter do orador antes mesmo de ler ou ouvir um texto dele. Desse modo, a imagem do locutor resulta no *ethos* efetivo, que compreende o *ethos* pré-discursivo e o discursivo, os quais se inter-relacionam; e o discursivo, ainda, é formado pelo *ethos* dito (diretamente expresso no texto) e o *ethos* mostrado (demonstrado de forma indireta no texto), os quais possuem relação com o mundo ético, que, por sua vez, é ativado por intermédio da leitura

e está ligado aos valores, crenças e estereótipos que circulam em determinada sociedade (Maingueneau, 2009, 2020).

A respeito do *ethos* pré-discursivo, Maingueneau reitera que, mesmo que o destinatário não possua representações prévias do orador, o fato de o texto pertencer a um gênero discursivo ou possuir certo posicionamento ideológico já torna possível inferir um *ethos* do locutor. Outra mudança em relação à retórica clássica é a de que, diferentemente do objetivo do *ethos* daquela clássica retórica de persuadir o auditório, a noção de Maingueneau vai além, já que busca refletir sobre o processo de adesão dos sujeitos, aproximando-se, assim, da Nova Retórica (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2014), a qual, porém, não se aprofunda na noção de *ethos*. Nesse sentido, o verbete “*ethos*” do *Dictionnaire de l’argumentation* (Plantin, 2018, p. 240) e o livro de Amossy (2018) são muito esclarecedores, ajudando, inclusive, a traçar um histórico do termo, desde Aristóteles até os nossos dias, mas que, infelizmente, não teremos espaço para discutir detalhadamente neste artigo.

A Análise do Discurso proposta por Maingueneau possui diversos conceitos que se relacionam ao *ethos*, um deles é o de *fiador*. O fiador é a imagem do locutor construída pelo destinatário, o *ethos* discursivo, que atribui a ele “caráter” (traços psicológicos) e “corporalidade” (modo de se vestir, de se movimentar) a partir de estereótipos, que podem ser reforçados ou transformados por meio da enunciação (Cavalcanti, 2019). Já a apropriação do *ethos* do fiador pelo destinatário, seja leitor, seja ouvinte, é denominada *incorporação* (Maingueneau, 2009). De acordo com essa proposta de análise do discurso, a adesão do destinatário ao *ethos* vai depender da identificação do destinatário ao tom do fiador, de forma que ele se identifique com o mundo ético que o fiador representa. Desse modo, se algum tipo de adesão acontece ali, então estamos no território da argumentação e da retórica.

A proposta de Maingueneau também abarca três dimensões do *ethos*: categórica, experiencial e ideológica. A *categórica* está dividida em papéis discursivos, o papel que aquele que enuncia ocupa no momento da enunciação (romancista, cronista, contador de histórias), e em estatutos extradiscursivos, relacionados à posição social que o enunciador deixa entrever por seu discurso (mãe, mulher, viúva). A dimensão *experiencial* são as caracterizações sócio-psicológicas estereotipadas; nisso, há ligação com a incorporação e o mundo ético. Por último, a dimensão *ideológica* diz respeito aos posicionamentos no

interior de determinado campo discursivo (de direita, de esquerda, por exemplo), como bem ilustra Cavalcanti (2019).

O último termo imprescindível para a análise do *ethos*, considerando o objeto desta pesquisa, é a *imagem do autor* (Maingueneau, 2012). Por ser uma figura pública, a concepção que se tem de um autor, definitivamente, ajuda a construir um *ethos* pré-discursivo em relação ao seu público, mesmo que a pessoa que escreve (escritor/a) seja diferente da pessoa física. Por exemplo, leitores podem ter uma imagem pré-concebida de determinado(a) escritor(a) a partir de estereótipos, como Manuel Bandeira (Cavalcanti, 2019), que é caracterizado como melancólico devido a sua condição como tuberculoso.

Em relação a Carmen Dolores, por exemplo, tal conceito serve para iluminar esta visão pré-concebida que a crítica possui da autora, pois sua imagem independe de um contato primeiro com seus escritos e estão mais relacionados ao *ethos* pré-discursivo. Dessa forma, a partir do *ethos* discursivo e termos circundantes à perspectiva de Maingueneau (2001, 2009, 2010, 2018, 2020), desvendaremos se é possível depreender a figura de “ máscula” de Carmen Dolores a partir da análise de uma de suas crônicas.

## **2 Aspectos da composição do *corpus***

Como recorte para a presente pesquisa, selecionamos uma crônica retirada do levantamento feito por Risolette Maria Hellmann (2015) das crônicas da escritora carioca publicadas no jornal *O Paiz* entre 1905 e 1910. O texto cronístico selecionado nos interessou pelo tema, que é instigante e, como percebemos, muito frequente no conjunto da obra de C. D.: o ingresso da mulher no mercado de trabalho. Nesse texto, C. D., ao discutir a respeito do tema em questão, entra em conflito com a opinião de um jornalista. Como neste artigo analisamos o *ethos*, isto é, a imagem da autora, também era importante que o texto selecionado contivesse um relato mais pessoal seu, para que demonstrássemos com mais clareza o *ethos* dito, e foi isso que encontramos na crônica escolhida, pois Dolores, como percebemos a partir da leitura de outros textos cronísticos<sup>1</sup>, não costumava relatar questões muito pessoais. A partir da crônica selecionada, então, para investigar o

---

<sup>1</sup> Este artigo é o recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), não publicado, no qual analisamos oito crônicas da escritora, por isso pudemos perceber a recorrência do tema em sua produção cronística. Para acessar outras crônicas da autora, indicamos a tese de Hellmann (2015).

que é e como se constitui a “argumentação máscula” em uma das crônicas de C. D., achamos por bem dialogar com o conceito de *ethos*, mais precisamente a constituição do *ethos* discursivo (Maingueneau, 2009). A noção de visada argumentativa (Amossy, 2020), por outro lado, serviu-nos como base para fundamentarmos o aspecto argumentativo (já que a autora também foi chamada de “argumentadora”) no texto cronístico.

Dividimos a crônica em cinco excertos/partes, enumerados na análise a seguir e sequenciados, ou seja, divididos de forma sequencial, da introdução à conclusão. No primeiro excerto, apresentamos o contexto de produção da crônica, algo necessário tendo em vista a necessidade de familiarizar as leitoras e os leitores contemporâneos a respeito do tema que gerou o conflito apresentado na análise proposta. No segundo excerto, destacamos as visadas argumentativas de C. D. e de seu opositor a fim de demarcar o que defendiam. Nos excertos seguintes (três e quatro), analisamos o *ethos* discursivo (formado pelo *ethos* mostrado e *ethos* dito) da autora. Por fim, no último excerto (cinco), voltamo-nos uma vez mais à noção de visada argumentativa, promovendo um diálogo deste conceito com a acepção maingueneuniana de *ethos* discursivo, para culminar na conclusão da análise. Importante mencionar, enfim, que, em razão do limite de páginas da revista, não é possível disponibilizar a crônica na íntegra ao final como anexo. Não obstante, o texto é apresentado integralmente, em excertos, ao longo da análise.

### **3 (Des)construção do *ethos* de uma “argumentadora máscula”**

#### ***3.1 Contexto de produção da crônica analisada***

Em meio às discussões sobre o divórcio e o lugar da mulher no espaço público no Brasil, ou mais especificamente, na capital brasileira (Rio de Janeiro, na época, anos 1900), Carmen Dolores travou debates, principalmente, com homens contrários às reivindicações do movimento feminista. Um desses homens foi Carlos de Laet, cronista, jornalista, professor e poeta brasileiro. Além de discussões no âmbito feminista, os dois também dialogaram quanto aos sistemas republicano e monárquico, sendo C. D. uma grande defensora da monarquia. Conforme menciona Hellmann, discussões nos jornais não eram novidade, pois “a polêmica entre escritores renomados dava audiência” (2015,



p. 239). No entanto, mais do que gerar polêmica (Amossy, 2017), os escritores queriam divulgar suas ideias e seus ideais. Como eram alfabetizados, diferentemente da maioria da população, detinham a palavra, e, como é evidente, quem detém a palavra detém o poder, inclusive, de fazer o público aderir a uma determinada tese (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2014). Os cronistas, então, trabalhavam como formadores de opinião. Basta lembrar, também, que, muitas vezes, os jornais eram lidos em voz alta em espaços públicos para que pessoas distantes de um letramento acadêmico pudessem se inteirar das notícias, acompanhar os capítulos dos folhetins e conhecer os demais conteúdos dos periódicos (Meyer, 1992), algo que, possivelmente, fazia circular mais facilmente as opiniões proferidas pelos cronistas.

A razão da discussão estabelecida entre os dois cronistas (Carlos de Laet e C. D.), na crônica do dia 30 de junho de 1907 (Dolores, 1907), entretanto, começou antes. No domingo anterior, no dia 23 de junho, Carlos de Laet endereçou à advogada Myrthes de Campos uma carta aberta no *Jornal do Brasil*, veiculado no Rio de Janeiro. O jornalista contrapõe-se à advogada no que tange ao direito ao divórcio. Laet via a questão do ponto de vista religioso; Myrthes, do ponto de vista jurídico. Temos acesso a duas cartas de Carlos de Laet no *Jornal do Brasil*, mas não às respostas de Myrthes, embora saibamos, a partir das missivas de Laet, que ela as respondeu<sup>2</sup>.

Não obstante, é na crônica de 30 de junho de 1907 que C. D., no jornal *O Paiz*, responde a Carlos de Laet sobre determinado ponto veiculado no dia 23 de junho, no *Jornal do Brasil*. Evidentemente, a carta não se dirigia a ela, mas a autora se sentiu pessoalmente ofendida pela forma com que o cronista se expressou, e sua resposta esteve presente na coluna *A semana*. No trecho a seguir, Dolores contextualiza os leitores a respeito do tema em debate de uma forma mais concisa:

---

<sup>2</sup> Julgamos melhor não reproduzir a carta de Carlos de Laet, publicada no *Jornal do Brasil*, na data referida, em razão de sua extensão. No entanto, deixamos a indicação do *link* da página do jornal em que a carta está presente:  
[https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_02&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=23070](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_02&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=23070)

### Primeira parte da crônica

|    |  |
|----|--|
| 1  | Fulgurou domingo último nas colunas do <i>Jornal do Brasil</i> uma carta aberta,         |
| 2  | escrita pelo Dr. Carlos de Laet naquele estilo inimitável, puro e conciso, que tanto     |
| 3  | admiro, e dirigida à distinta doutora Myrthes de Campos, a propósito dos debates do      |
| 4  | divórcio.  |
| 5  | Não me cabe certamente responder às palavras endereçadas a outrem; e demais              |
| 6  | estou certa que a ilustrada e jovem advogada não deixará sem contestação a carta do      |
| 7  | seu notável contendor. Já declarei também – e com sinceridade – que nunca discutirei     |
| 8  | a palpitante questão da atualidade sob o ponto de vista religioso. Assim, pois, por toda |
| 9  | sorte de razões, não me compete escrever coisa alguma a propósito da extensa carta       |
| 10 | que abrilhantou domingo a folha mais popular desta cidade.                               |
| 11 | E contudo, um trecho do artigo do Sr. Laet me impele forçosamente a fazer                |
| 12 | algumas considerações, não só porque esse trecho me parece injusto e mau em              |
| 13 | desacordo com a bondade cristã que tanto distingue o apreciado escritor, como também     |
| 14 | porque nessas linhas a minha susceptibilidade enxerga não sei que alusões que podem      |
| 15 | atingir também a minha humilde personalidade.  |

Excerto 1 (grifos no original)

Note-se que, no excerto 1, C. D. orienta o discurso, isto é, constrói o discurso para chegar a uma conclusão, de forma que o leitor ainda não imagina que, na verdade, a autora vai criticar Carlos de Laet. Isso se dá, principalmente, pelos elogios dados à escrita, ao texto e ao próprio de Carlos de Laet no primeiro e no início do segundo parágrafos: “estilo inimitável, puro e conciso” (Excerto 1, linha 2), “notável contendor” (Excerto 1, linhas 5-6), “carta que *abrilhantou* domingo a folha mais popular desta cidade” (Excerto 2, linhas 8-9, destaque nosso). Porém, como veremos nos próximos excertos, apesar de elogiar seu opositor, C. D. vai defini-lo com termos negativos também, relação dual na qual iremos nos deter ao final da análise. Vai igualmente mencionar, de modo mais claro, qual é a opinião proferida por Laet com a qual não concorda, demonstrando, assim, a visada argumentativa (Amossy, 2020) de seu texto. Ao mesmo tempo, a autora constrói o próprio *ethos*.

### 3.2 “*Brilhante adversário do divórcio e do feminismo*”: as visadas argumentativas de Carlos de Laet e de Carmen Dolores

Embora não tenhamos a transcrição da resposta do jornalista Carlos de Laet publicada no *Jornal do Brasil* (por não termos espaço o suficiente e não ser nosso objeto de análise), como contextualizado na subseção anterior, a retomada de parte de seu texto

por C. D. é importante para nos situarmos e, na análise, demonstrar que aquele jornalista também possui uma visada argumentativa muito bem definida. Nesta subseção, com a análise do Excerto 2, focaremos na visada argumentativa, isto é, nos “meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir sobre seus alocutários, tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece” (Amossy, 2020, p. 47). Na verdade, na crônica, há duas visadas argumentativas: a de Carlos de Laet e a de Carmen Dolores, sendo a última dominante, visto que é ela quem escreve o texto. No entanto, devemos considerar que Carlos de Laet, em sua carta aberta endereçada a Myrthes de Campos, também possui uma visada argumentativa, como veremos em seguida.

#### Segunda parte da crônica

|    |  |
|----|--|
| 16 | Se me engano que me seja perdoada a pretensão, mas se estou com a verdade,           |
| 17 | consinta o brilhante adversário do divórcio e do feminismo que eu lhe dirija do meu  |
| 18 | lado umas curtas palavras nesta crônica.   |
| 19 | Escreveu o Dr. Carlos de Laet, num dos tópicos da missiva que dirigiu a D.           |
| 20 | Myrthes de Campos:   |
| 21 | Falou V. Ex. em mulheres viciadas e perigosas à sociedade. Não as acha               |
| 22 | no pedantismo feminista, que desamparado deixa o lar doméstico, dando                |
| 23 | ao homem, não uma doce companheira, mas uma rival nas rudes                          |
| 24 | competições da vida?   |
| 25 | E quando não existe esse homem, pergunto eu agora ao Dr. Laet, e a mulher,           |
| 26 | em vez de ser a doce companheira de alguém que trabalha para ela, é, pelo contrário, |
| 27 | aquela que labuta para todos? O feminismo não vai de certo arrancar meigas esposas   |
| 28 | ao lar bem amparado pelo competente chefe, assim como a lei do divórcio não obrigará |
| 29 | jamais alguém que se considere feliz a divorciar.                                    |
| 30 | O feminismo faculta apenas à mulher isolada e em luta pela vida, como o              |
| 31 | homem, os mesmos direitos de ganhar essa vida, tão dura e tão penosa quando falta o  |
| 32 | pão.   |
| 33 | E por que se há de dizer que isso significa o desamparo do lar, quando               |
| 34 | justamente, assim, é que a mulher sustenta honestamente esse lar?                    |

#### Excerto 2

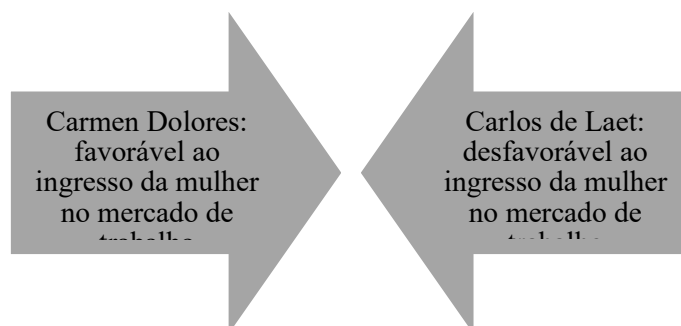
Importante destacar, a princípio, que, no excerto, C. D. continua a descrever Laet de forma elogiosa, como nos trechos: “*apreciado* escritor” (Excerto 2, linha 12, destaque nosso) e “*brilhante* adversário do divórcio e do feminismo” (Excerto 2, linha 16, destaque nosso). Por outro lado, também o provoca, dado que a ideia de Laet vai contra “a bondade cristã que tanto distingue o apreciado escritor” (Excerto 2, linha 12). A bondade cristã refere-se ao preceito cristão da compaixão – Ame ao próximo como a si mesmo –,

doutrina da qual Laet se afasta ao proferir (Excerto 2, linhas 20-22) que, quando algumas mulheres precisam trabalhar para obter sustento próprio, elas rivalizariam com os homens pelo espaço público, tese central de Laet no trecho destacado por C. D.. O jornalista, assim, vai de encontro ao preceito cristão por não ter compaixão por essas mulheres que precisam trabalhar para se sustentar.

C. D., ao contrário, tem como tese central (começa a esboçar esse posicionamento entre as linhas 25-34, Excerto 2, a partir de perguntas dirigidas a Carlos de Laet) o ingresso da mulher no mercado de trabalho quando houver necessidade, não se tratando, pois, de rivalidade. Temos, então, um embate de duas teses: uma (defendida por Carlos de Laet) contrária ao ingresso da mulher no mercado de trabalho; e outra (posição de Carmen Dolores) favorável ao ingresso da mulher no meio trabalhista.

Para ficar claro, então, sintetizamos as duas visadas argumentativas em um elemento gráfico:

**Esquema 1 – Visadas argumentativas de C. D. e Carlos de Laet**



Fonte: elaboração própria

### ***3.3 “Heroínas inglórias”: delineamento do ethos mostrado de Carmen Dolores na defesa de mulheres trabalhadoras***

Nesta parte, nosso objetivo consiste em demonstrar o *ethos* mostrado de Carmen Dolores a partir de sua defesa de mulheres que exercem profissões variadas. Como visto anteriormente, o *ethos* discursivo é composto por *ethos* mostrado e *ethos* dito, sendo aquele (*ethos* mostrado) presente de forma indireta no texto, ou seja, C. D. não enuncia quem é, mas podemos ver sua imagem, seu *ethos* se delineando a partir da defesa que realiza por essas mulheres, como presente no Excerto 3:

### Terceira parte da crônica

|    |  |
|----|--|
| 35 | Se a ilustre escultora D. Nicolina de Assis não se tornasse uma rival de               |
| 36 | Bernardelli nas rudes competições da arte, não sustentaria com dignidade que todos     |
| 37 | lhe reconheçam a numerosa família de que a viuvez a tornou único arrimo.               |
| 38 | Se as numerosas professoras que cruzamos nas ruas, abatidas pelo cansaço, não          |
| 39 | saíssem das suas casas para ensinar as crianças – então é que desamparado lhes ficaria |
| 40 | mesmo o lar doméstico, o pobre lar! Porque dessas perambulações e dessas fadigas é     |
| 41 | que provém o lume e o pão para os filhos e até para as mães enfermas.                  |
| 42 | Permanecessem essas heroínas, sim, heroínas inglórias, no aconchego das                |
| 43 | alcovas fechadas, para evitarem a pecha de pedantes rivais do homem na concorrência    |
| 44 | ao trabalho, e eu queria ver como é que, no estado da vida atual, tudo a preços        |
| 45 | esmagadores, elas haviam de equilibrar a existência.                                   |

#### Excerto 3

A autora cita Nicolina de Assis, escultora que, inclusive, tem uma história de vida parecida com a de C. D., como veremos adiante, além de também citar professoras. Ela as chama de “heroínas inglórias” (Excerto 3, linha 42), pois, para a escritora, não há “glória” em sair do ambiente doméstico para trabalhar e ainda precisam suportar a denominação de “pedantes rivais” (Excerto 3, linha 43). Mais uma vez, destaca que as mulheres procuram empregos por necessidade, a fim de “equilibrar a existência” (Excerto 3, linha 45), ou melhor, sobreviver.

Com essa defesa às mulheres, C. D. mostra-se uma defensora dos direitos das mulheres, em especial, do direito de ingressar no mercado de trabalho. De acordo com seus critérios, como visto no Excerto 2 (linhas 30-32), mostra-se como feminista também por defender esse direito: “O feminismo faculta apenas à mulher isolada e em luta pela vida, como o homem, os mesmos direitos de ganhar essa vida, tão dura e tão penosa quando falta o pão”. Na parte seguinte, veremos que a autora continua mostrando/construindo sua imagem, mas enunciando em primeira pessoa a sua própria denominação, o que consiste no *ethos* dito.

#### 3.4 “Minha via-sacra”: o *ethos* dito de Carmen Dolores

Nesta parte, pois, analisaremos, no Excerto 4, o *ethos* dito de Carmen Dolores, mas também será possível extrair outra característica que compõe seu *ethos* mostrado. No Excerto 1, afirma que enxergou “alusões que podem atingir também a minha humilde

personalidade” (linhas 14-15) no excerto de Laet (Excerto 2, linhas 21-24). Após ter defendido outras mulheres, começa a tecer sua defesa pessoal a partir de um “exemplo impessoal” (Excerto 4, linha 47) a fim de “confirmar a contestação destas linhas ao conceito cruel do ilustre publicista” (Excerto 4, linha 48). Apesar de o exemplo ser pessoal, denomina-o impessoal, o que, a princípio, pareceu-nos uma escolha vocabular curiosa, porque, entre alguns dos sentidos da palavra, destacam-se “imparcial” e “anônimo”, mas também “geral”, ou que não se direciona a alguém específico. É, portanto, longe de ser um exemplo pessoal, já que, como vemos abaixo, Dolores conta um pouco de sua própria história:

#### Quarta parte da crônica

|    |  |
|----|--|
| 46 | Eu não devia referir-me a mim própria, Dr. Carlos de Laet: mas enfim o meu             |
| 47 | caso pode também vir à cena como um exemplo impessoal, citado apenas para              |
| 48 | confirmar a contestação destas linhas ao conceito cruel do ilustre publicista.         |
| 49 | Outrora escrevia eu sob a capa impermeável do anônimo, só como <b>diletante</b>        |
| 50 | muito oculta e que até com vexame cedia ao seu arrastamento pelas coisas literárias.   |
| 51 | Deu-se, porém, a prematura morte do meu estremecido filho, chefe da minha              |
| 52 | casa, discípulo, amigo e ardente admirador do Dr. Laet; e de chofre, espavorida, eu me |
| 53 | vi sozinha em face da realidade atroz... Escuso insistir nas etapas dolorosas da minha |
| 54 | via-sacra... Mas há muito que a minha coragem venceu e tenho hoje o orgulho            |
| 55 | permitam a confissão, de sustentar honestamente, dignamente, eu só, o meu lar, toda a  |
| 56 | minha família, com o exclusivo esforço da minha pena de mulher.                        |
| 59 | E sabem-no bem os diretores dos jornais para os quais eu escrevo.                      |
| 60 | Não tenho gozos, é fato, mas enfim vivo e faço viver.                                  |

Excerto 4 (destaque da autora)

No excerto, continua denominando Carlos de Laet como “cruel” (Excerto 4, linha 48) e, em seguida, conta um pouco de sua história: de escritora anônima a cronista reconhecida quando, por necessidade de sustentar a família após a morte do filho, precisa começar a trabalhar. A autora enuncia seu orgulho por “sustentar honestamente, dignamente, eu só, o meu lar, toda a minha família, com o exclusivo esforço da minha pena de mulher” (Excerto 4, linhas 55-56). O *ethos* dito sempre é claramente expresso pelo enunciador, logo pode-se perceber que C. D. enuncia-se como uma mulher trabalhadora e orgulhosa por ter um trabalho que a permitiu sustentar sua família. Além do *ethos* dito, é interessante voltar à noção de *ethos* mostrado, pois, no Excerto 4, apresenta-se também como uma matriarca, visto que está à frente de sua família, provendo-a.

Além do *ethos* dito e do *ethos* mostrado, também devemos retomar o *ethos* pré-discursivo, ou seja, os comentários atribuídos à C. D. que ressaltavam o aspecto “ másculo ” de seu texto. Como nosso objeto de pesquisa trata de uma crônica de uma escritora, esse *ethos* pré-discursivo também é denominado *imagem do autor*, pois sendo ela uma figura pública, há, de certo modo, uma imagem pré-definida de C. D. como “ máscula ”, como visto na introdução deste artigo. Já a imagem do locutor formada pelo destinatário (leitores da crônica de C. D.) chama-se fiador, e essa imagem do fiador é apropriada, isto é, entendida pelo destinatário, algo que Maingueneau (2020) denomina incorporação. É possível pensar que esse *ethos* foi incorporado (pelo menos o *ethos* dito), pois a escritora é muito clara ao se enunciar mulher trabalhadora orgulhosa (Excerto 4, linhas 54-56).

Ainda na esteira de Maingueneau, têm-se as três dimensões do *ethos*: categórica, experiencial e ideológica. A dimensão categórica compreende os papéis discursivos dos quais o locutor se ocupa quando enuncia, além dos estatutos extradiscursivos associados à posição social que o locutor menciona em seu discurso. No caso, C. D. manifesta-se como cronista (papel discursivo) e mãe, mulher e trabalhadora (estatutos extradiscursivos).

Por sua vez, a dimensão experiencial possui relação com a estereotipagem, nível sócio-psicológico. Entendemos que essa dimensão pode ser vista a partir do *ethos* pré-discursivo de C. D. – como o comentário “argumentadora máscula –, assim como o estereótipo da mulher trabalhadora, porque pensava-se que a mulher que trabalhava perderia, desse modo, seus encantos como “doce companheira” (Excerto 2, linha 23) do homem. Dessa maneira, equilibrando sua posição social com os homens no espaço público, as mulheres tornar-se-iam rivais deles. O embate é pelo espaço público e, para lutar por ele, o caminho escolhido por homens como Laet era questionar essa abertura da arena pública para as mulheres. Ao escrever esse texto, C. D. defende que esse estereótipo de mulheres como rivais de homens é errôneo, injusto, pois elas querem apenas ter um meio para sobreviver e prover as suas famílias. Ainda a respeito da dimensão experiencial, argumentamos que tampouco a autora pode ser considerada “ máscula ”, como visto em seu *ethos* pré-discursivo, uma vez que, a nível discursivo, pensando nos valores (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2014) que defende (coloca-se como antipatriarcal por ir

contra uma crença, ou o valor, veiculada na época de que mulheres não deviam trabalhar), Dolores posiciona-se a favor das mulheres.

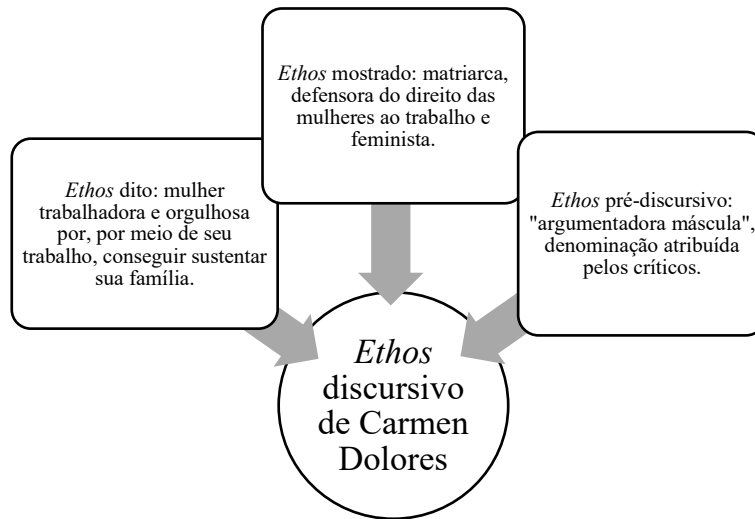
Por fim, a dimensão ideológica consiste nos posicionamentos introduzidos em um campo discursivo. Ao defender o ingresso da mulher no mercado de trabalho, C. D. situa-se em um campo discursivo feminista, pois essa é uma das bandeiras levantadas pelo feminismo em suas primeiras décadas. Embora C. D. não se nomeasse feminista (Hellmann, 2015), entendemos que, ao menos, defender a entrada da mulher no meio trabalhista a configura como uma.

Finalmente, não podemos assegurar que o mundo ético (Maingueneau, 2009, 2020) – relacionado aos valores, crenças e estereótipos que veiculam em dada sociedade e em determinada época –, que, no caso da crônica em análise, configuram as representações sociais e as opiniões dos leitores desta crônica, foram modificadas ou a tese foi aderida, fazendo com que se cumprisse a visada argumentativa (Amossy, 2020). Contudo, é mais fácil afirmar que a atitude de C. D. de escrever uma crônica relatando sua experiência faz com que outro ponto de vista seja inserido na discussão. Não mais os homens são os únicos porta-vozes de uma verdade absoluta, fazendo com que suas ideias e seus ideais sejam dominantes, porque mulheres como C. D. se inserem como contraponto a essa “história única” (Adichie, 2019) ditada pela dominância masculina ao defenderem algo que algumas das mulheres de sua época almejavam: a liberdade de trabalhar.

Com todas essas noções em mente – *ethos* dito, *ethos* mostrado, *ethos* pré-discursivo/*imagem do autor* –, as quais compõem o *ethos* discursivo, voltamos ao objetivo desse artigo: investigar o que é e como se constitui a “argumentação máscula” em uma das crônicas de Carmen Dolores a partir dos conceitos *ethos* discursivo (Maingueneau, 2009), para verificar o que há de “ másculo” na imagem que a autora enuncia. Pelo *ethos* discursivo, assim, percebemos que C.D. não possui características “másculas”, visto que defende suas opiniões mostrando-se como defensora das mulheres, matriarca e feminista, bem como enuncia claramente que é uma mulher orgulhosa de seu trabalho. Enfim, sintetizamos, no Esquema 2, de que forma o *ethos* discursivo da autora é composto:



**Esquema 2 – *Ethos* discursivo de Carmen Dolores**



Fonte: elaboração própria

### ***3.5 “Por amor das estagnações da rotina”: visada argumentativa e ethos de Carmen Dolores contra o status quo***

A análise até aqui empreendida demonstrou que C. D. não possui características masculinas, pelo menos não podemos apreendê-las a partir de seu *ethos* discursivo, da imagem que expressa em sua crônica. No restante do texto (Excerto 5), continua a defender a entrada da mulher no âmbito trabalhista, mas a novidade é o aparecimento de uma figura de linguagem frequente em seus textos: a ironia.

#### **Quinta parte da crônica**

|    |   |
|----|---|
| 61 | Fora talvez preferível, não é assim Dr. Carlos de Laet? Que, para fugir aos               |
| 62 | pedantismos, aliás tão longe de mim, eu me refugiasse no fundo do quintal, a lavar e      |
| 63 | engomar... Artistas, professoras, médicas, advogadas, jornalistas! vós todas que fostes   |
| 64 | criadas fora do rude labor manual, que o ignoreis ou careceis da força física             |
| 65 | indispensável a tais meios de vida, que exigem, à falta de cérebro, o músculo possante    |
| 66 | e um conhecimento exato da conta de somar, para os róis da roupa dos fregueses –          |
| 67 | considerai que esse afastamento da tina de barrela ou do ferro quente vos condena à       |
| 68 | desqualificação do feminismo... Obedecei à singular imposição de uma carta ignóbil,       |
| 69 | com que certo desavisado julgou dever responder anonimamente a alguns dos meus            |
| 70 | artigos:  |
| 71 | Solteiras, divorciadas ou viúvas, se são pobres, sejam pedintes (é                        |
| 72 | estupendo, não?), mas fiquem dentro das suas casas, abandonem essas                       |
| 73 | asneiras de trabalhar como os homens. <b>Vocês</b> foram feitas pra outra coisa...        |
| 74 | Compreendem agora a amplitude desse significado <b>pedintes</b> , não é verdade?          |
| 75 | E chega a ser pavoroso que alguém prefira a mulher aviltada à mulher                      |
| 76 | concorrente do homem no sério ganha-pão – por amor das estagnações da rotina.             |
| 77 | Verdade é que imbecis de tal ordem são raros, mas enfim existem, e basta um               |
| 78 | só para degradar a humanidade. Depois, a menos de se ter um <i>atelier</i> de costuras em |
| 79 | grande pé ou lavanderias a vapor com numeroso pessoal, o que exige um capital para        |
| 80 | a montagem, que rende o pequenino trabalho da mulher que lava para um número              |
| 81 | limitado de fregueses, levando calotes, ou cose para as famílias modestas da              |
| 82 | vizinhança, pois que a gente rica vai às costureiras de fama? E trabalho por trabalho,    |
| 83 | não é todo ele digno de animação e não de menospreço?                                     |
| 84 | Ah! Dr. Laet, em nome dos seus princípios católicos e se não quer ser injusto,            |
| 85 | deixe em paz a concorrência da mulher à luta pela vida, como a temos hoje, porque         |
| 86 | atrás dessa competição há muita dor e muita lágrima!                                      |

Excerto 5

A ironia é o desencontro entre dito e significação, pois, segundo Eni P. Orlandi (2012, p. 10): “o que o locutor diz literalmente e o que ele fala metaforicamente diferem. Em outras palavras: o que ele significa é diferente do que ele diz”. Tendo essa acepção de ironia, podemos entender que o seguinte enunciado é irônico: “Fora talvez preferível, não é assim Dr. Carlos de Laet? Que, para fugir aos pedantismos, aliás tão longe de mim, eu me refugiasse no fundo do quintal, a lavar e engomar...” (Excerto 5, linhas 61-63), pois C. D. contesta Carlos de Laet com as próprias palavras dele como se estivesse concordando com elas, mas, como vimos mediante a leitura de toda a crônica, esse posicionamento de “refugiar-se no fundo do quintal” e permanecer no ambiente doméstico, seria absurdo para a escritora.

Quando Carlos de Laet menciona o “pedantismo feminista” (Excerto 1, linha 22), refere-se à pretensão de fazer e ser algo muito superior ao que se é, o que, no caso das mulheres, seria realizar essa passagem do ambiente doméstico para o público a fim de trabalhar. Para ele, as mulheres teriam de se restringir ao âmbito doméstico.

No enunciado irônico de C. D. (Excerto 5, linhas 61-63), a autora refere-se aos trabalhos braçais de lavadeira e de engomadeira, que eram feitos na época por mulheres

pobres, muitas vezes negras. Um trabalho invisibilizado. Apesar de esse comentário ser elitista, de forma alguma, como pode ser visto neste mesmo excerto nas linhas 82-83 (“E trabalho por trabalho, não é todo ele digno de animação e não de menospreço?” [sic]), C. D. menospreza as mulheres que realizam esse trabalho, pois elas também ocupam uma função digna. Mas também considera que a mulher é capaz de trabalhos mais intelectuais, e não apenas braçais (Excerto 5, linhas 63-68), logo as mulheres não precisariam encerrar-se apenas dentro de suas casas para trabalhar, pois, tendo a necessidade, poderiam procurar emprego no espaço público.

Outro enunciado irônico vem do excerto extraído de uma carta (Excerto 5, linhas 71-73) recebida por C. D. de um leitor, em que ele pede que as mulheres não trabalhem fora de suas casas, mas sejam pedintes. O comentário de C. D., entre parênteses (“é estupendo, não?”), Excerto 5, linha 71), é irônico, porque, depois de sua defesa ao trabalho feminino, não podemos considerá-lo literal. Com esse excerto, ela demonstra sua raiva a respeito do termo “pedinte”, já que, antes do excerto de Laet, deparou-se com esse vocábulo na carta anônima. O leitor anônimo, assim como Carlos de Laet, posiciona-se contra a inserção da mulher no mercado de trabalho.

Por fim, no Excerto 5, linhas 84-86, C. D. finaliza a crônica com um pedido a Carlos de Laet: “Ah! Dr. Laet, em nome dos seus princípios católicos e se não quer ser injusto, deixe em paz a concorrência da mulher à luta pela vida, como a temos hoje, porque atrás dessa competição há muita dor e muita lágrima!”. A autora reafirma seu posicionamento, mostrando-se favorável ao ingresso da mulher no mercado de trabalho, constatando que “atrás dessa competição há muita dor e muita lágrima”. Para que chegassem àquela posição como trabalhadoras, várias mulheres, inclusive ela mesma, passaram por vários percalços, na maioria das vezes em contextos infelizes.

Podemos perceber, desse modo, que Carlos de Laet e o leitor anônimo cujo excerto está presente nas linhas 71-73 defendem a manutenção do *status quo*, ou seja, do estado atual das coisas, nesse caso a manutenção da crença de que as mulheres estão “destinadas” ao espaço doméstico, não podendo, portanto, trabalhar. Carmen Dolores, por outro lado, como vimos a partir de sua visada argumentativa e de seu *ethos* discursivo, posiciona-se a favor das mulheres, dizendo que elas podem e têm capacidade o suficiente de trabalhar quando necessitarem. Isso não seria uma competição, conforme Carlos de Laet e o leitor anônimo afirmam. Mais do que isso, C. D. relembra Laet de seus princípios

cristãos, em especial o da compaixão, para que olhe essa situação – a necessidade que a mulher tem de trabalhar por sobrevivência – por outro ângulo: o ângulo da mulher e não do homem. Por defender a mulher nesse sentido, C. D. coloca-se contra o *status quo* daquela época.

### **3.6 (Des)construção de uma “argumentadora máscula”**

A análise dessa crônica mostrou que, diferentemente dos dizeres da crítica da época, C. D. não é “máscula”, já que seu *ethos* é de uma mulher trabalhadora e orgulhosa de seu trabalho, feminista e matriarca. Mas, definitivamente, é uma “argumentadora”, pois sustenta, de forma muito clara, uma tese que visa a modificar uma representação e uma opinião (Amossy, 2020) a respeito da mulher: a de que ela é “destinada” ao espaço doméstico e, assim, não poderia trabalhar fora de casa. É interessante a maneira como faz isso a partir de exemplos de outras mulheres e da sua própria vida, mencionando que, diferentemente do que Carlos de Laet aponta, as mulheres não estariam rivalizando com os homens, mas encontrando meios de coexistir com eles no espaço público, pois não seriam todas as mulheres, pelo menos naquela época, que sairiam procurando emprego, apenas aquelas que sentissem a necessidade de complementar a renda e até mesmo que fossem as únicas provedoras do lar. Com isso, posiciona-se contra o *status quo*, as crenças vigentes que destinavam a mulher ao espaço privado. Para a autora, as mulheres apresentavam capacidade o suficiente até para realizar trabalhos intelectuais, como de advogadas e jornalistas.

Importante lembrar também os adjetivos com os quais caracteriza Carlos de Laet e sua escrita. Ao mesmo tempo em que o elogia (“estilo inimitável, puro e conciso, que tanto admiro”, “notável contendor”, “brilhante adversário do divórcio e do feminismo”, entre outros elogios), também o critica (“esse trecho me parece injusto e mau em desacordo com a bondade cristã”, “conceito cruel”). Denominamos esse fenômeno de “morde e assopra”, pois enfatiza o elogio na mesma medida em que o critica, como se, embora desdenhasse de seu posicionamento, tivesse receio de combatê-lo efetivamente. É necessário recordar que C. D. estava em uma posição de destaque: tinha a coluna principal de um jornal de ampla circulação, quaisquer momentos de falta de decoro poderiam fazê-la perder sua posição e, como menciona na crônica, o dinheiro que ganhava

dos jornais em que trabalhava sustentava sua família. Apesar disso, utilizava-se de algumas brechas para ser crítica ao mesmo tempo em que era amável com seu adversário. Afinal, naquela época, mulheres não deveriam ser críticas, mas, embora também o elogiasse, apresentando-se amável, o fato de criticá-lo é algo em seu posicionamento que também vai contra o *status quo*.

Embora nossa análise tenha apontado que “máscula” não é uma característica de C. D., gostaríamos, no final desse artigo, de tecer algumas conclusões a que chegamos que, apesar de não serem definitivas, pois julgamos ser necessário analisar mais crônicas de sua autoria, podem ajudar-nos a refletir a respeito dessa denominação a ela atribuída.

Sem outras antecessoras mulheres que ocuparam um lugar de destaque em um dos jornais de maior circulação do país (seu nível de exposição era muito maior), C. D. era comparada a partir do modelo masculino, já que o homem sempre teve poder de fala, voz e espaço nos periódicos para emitir suas opiniões, reforçando ideais patriarcais, como, por exemplo, o lugar inferior destinado à mulher. A escritora carioca, então, possuía um espaço para escrever, para falar, conquistando um mercado, até aquele momento, destinado a homens. Este poder de fala, pois, a fazia ser “máscula”.

Conforme atesta Hellmann (2015), Carmen Dolores demonstrava-se ousada e irreverente. Ousada por travar discussões não tão comuns à época, ainda mais emitidas por uma mulher; irreverente pela forma com que escrevia, sempre muito carregada de ironia e contra o *status quo*. Carmen Dolores, na crônica analisada, menciona a injustiça proferida por Carlos de Laet e coloca-se como porta-voz das mulheres que não tinham voz, nem espaço para falar. Assim, além do poder de fala, também possuía um espaço de fala, no caso, o jornal *O Paiz*. Esta transposição do espaço privado destinado à mulher ao espaço público, historicamente conferido ao homem, faz com que seja atribuída mais uma faceta “máscula” a Carmen Dolores. Assim como outras mulheres, vendo-se em uma situação de necessidade, precisou “arregaçar as mangas” e trabalhar. Seu trabalho foi intelectual, mas não deixou de ser importante naquele contexto, em um mercado literário e jornalístico ocupado, predominantemente, por homens. Carlos de Laet, justamente, discorre a respeito da “competição” travada por homens e mulheres no espaço laboral, ao que Carmen Dolores refuta, devido ao fato do jornalista colocar-se, em sua mentalidade redutora, contrário aos motivos pelos quais as mulheres precisam trabalhar apenas para manter a arena pública exclusivamente para os homens.

Visto que o espaço socialmente atribuído à mulher era o espaço doméstico, a entrada não apenas de Carmen Dolores, mas de várias outras mulheres (principalmente, brancas de classe média, já que outras mulheres, negras e pobres, sempre trabalharam) no espaço público, destinado ao sexo masculino, pode ser, na contemporaneidade, uma atitude corajosa apenas, ou até vista com pouca importância, já que, atualmente, as mulheres ocupam muitos espaços sociais se comparado a antigamente. No início do século XX, entretanto, não era assim. Disputar o espaço público com os homens era travar uma guerra com eles, pois estes não cederiam facilmente o espaço (ou o poder) que, por tanto tempo, lhes pertenceu. Carmen Dolores, portanto, não mostra-se como “viril” e “ máscula”, apenas para citar alguns adjetivos atribuídos a ela, mas podemos caracterizá-la como corajosa por ocupar, de forma sublime e talentosa, a primeira página do jornal *O Paiz*, em uma coluna semanal. Com o excerto de Carlos de Laet, percebemos que o que está em jogo, justamente, é este espaço público e, para sobreviver nele, precisaria ser firme, “ máscula”. Então podemos ler essa característica como forma de resistência.

Por fim, percebemos ainda que “ máscula” é uma forma de ridicularizar e minimizar o trabalho de C. D., despindo-a de sua condição de mulher, uma condição tão importante para que se veiculassem suas ideias “subversivas” sobre a posição que a mulher poderia ocupar naquela sociedade. É fundamental mencionar que, apesar dessa denominação, C. D. não foi vista como igual por seus pares, e uma prova disso é que não foi canonizada na literatura. Pelo contrário, sua obra e sua existência foram apagadas, sendo resgatadas décadas depois por mulheres como Zahidé Muzart e Risolete Maria Hellmann, resgate imprescindível para que Carmen Dolores pudesse, como mulher de ontem, do passado, comunicar conosco ainda hoje, pois, como pudemos perceber, sua obra ainda tem muito a nos dizer.

## **Considerações finais**

A partir da análise do *ethos* da escritora Carmen Dolores em uma de suas crônicas veiculadas no jornal *O Paiz*, foi possível depreender que a autora pode ser considerada uma argumentadora, embora o adjetivo “ máscula” não tenha sido percebido por meio da análise do *ethos* discursivo. Pelo contrário, C. D. afirmou-se como uma mulher escritora e trabalhadora, matriarca e defensora e porta-voz das mulheres ao contestar afirmações

como a de Carlos de Laet de que mulheres, no espaço social, “disputariam” espaço com homens. A tentativa de modificação da representação social de que a mulher está “destinada” aos afazeres domésticos, como foi visto, consiste na visada argumentativa da crônica analisada, visto que a autora defende incisivamente que as mulheres podem e devem entrar no mercado de trabalho em situações de necessidade. Enfim, chegou-se à conclusão de que a caracterização como “máscula” adveio do fato da cronista se posicionar com firmeza, embora defendesse, predominantemente, opiniões relacionadas ao universo feminino e se apresentasse como mulher. Por isso, o adjetivo “másculo”, pensamos, afasta-a da condição de mulher em um violento processo de apagamento. Entretanto, ao mesmo tempo, posicionar-se de “maneira máscula” é a forma que encontrou de resistir em um espaço de dominância masculina como o jornalismo.

Por outro lado, devido ao fato de que nos detivemos, nessa análise, no *ethos* discursivo, entende-se que seria interessante investigar mais a fundo essa categorização dos gêneros para, se possível, chegar a outras conclusões a respeito da denominação “máscula”. Por exemplo, quando mencionamos a disputa pelo espaço público e elencamos alguns comentários de críticos contemporâneos à autora, também pensamos o quanto proveitoso à análise poderia ser entender os construtos de gênero e estereótipos da época para compreender, com melhor precisão, o que seria considerada uma característica feminina ou masculina naquela época. Além disso, outra abertura de análise é a investigação de aspectos linguísticos do texto, de modo a entender o que seria considerado masculino e feminino em sua escrita. Certamente, isso também passa pelas construções sociais e pelos estereótipos de gênero.

Em suma, estudar textos de uma proeminente e, infelizmente, esquecida escritora da história literária brasileira mostrou-se muito prazeroso. Conhecer Carmen Dolores nos permitiu conhecer, por extensão, sua época e suas lutas. Com certeza, podemos dizer que foi uma importante porta-voz do direito das mulheres, destacando-se em uma concorrida coluna de um dos jornais de maior veiculação do país. Estudá-la além da literatura mostra que é possível (re)descobri-la e (des)construí-la nos estudos linguísticos, verticalizando análises e apresentando-a a um público mais diverso, algo que escritoras como Carmen Dolores merecem.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Coordenação da tradução: Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.
- AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Trad. Ângela M. S. Côrrea [et al.] São Paulo: Contexto, 2020.
- AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. 2. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.
- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: **Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CAVALCANTI, J. R. **A construção do *ethos* em crônicas de Manuel Bandeira**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP, v. 61, p. 1–15, 2019.
- DE LAET, Carlos. **Collaboração**. Jornal do Brasil. n. 174, Rio de Janeiro, 23 de junho de 1907.
- DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. **A semana**. O Paiz. n. 8305, Rio de Janeiro, 30 de junho de 1907.
- DOLORES, Carmen. **Um drama na roça**. Brasília: Senado Federal, 2021.
- FILHO, Theotonio. Coluna De Relance. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 21 de maio 1908, p. 4.
- GRIECO, Agrippino. **Evolução da prosa brasileira**. Rio de Janeiro: Ariel, 1933.
- HELLMANN, Risolete Maria. **Carmen Dolores, escritora e cronista: uma intelectual feminista da Belle Époque**. 2015. Tese (Doutorado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- JOE [Paulo Barreto]. Cinematógrafo. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 02 de fevereiro de 1908, p. 2.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2009.
- MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- MAINGUENEAU, D. Não há autor sem imagem. Trad. Adail Sobral. In: **Doze conceitos em Análise do Discurso**. São Paulo, Parábola Editorial, 2010.



MAINGUENEAU, D. **O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade.** Trad. Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAINGUENEAU, D. **Variações sobre o ethos.** Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.** Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica.** Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

PLANTIN, C. **Dictionary of Argumentation: an Introduction to Argumentation Studies** - With a Foreword by J. Anthony Blair. Translation and adaptation of Christian Plantin's Dictionnaire de l'argumentation, Lyon (2016). London: College Publications, 2018.

SOIHET, Rachel. Carmen Dolores: as contradições de uma literata na virada do século. **La manzana de la discórdia**, año 2, n. 8. p. 33-42, diciembre 2009.